



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Fábio José Santos de Oliveira

*Universidade Federal de Sergipe/
Universidade Federal do Maranhão
(PPG-LB)*

orcid.org/0000-0003-2932-4968

fabiolittera@yahoo.com.br

*O ornitorrinco é mamífero como nós:
por que e para que se ensinar Literatura?*

RESUMO: Este ensaio tem por objetivo discutir a importância e a necessidade do ensino e do estudo de Literatura no ambiente escolar. O ensaio foi escrito para demonstrar a fragilidade de certas opiniões negativas contra a Literatura, muitas das quais pautadas numa visão altamente utilitarista do conhecimento. Reforçam teoricamente a discussão do ensaio as obras e autores seguintes: Candido (2011) e (2002), Cascudo (2012), Compagnon (2006), Lajolo (1993), entre outros.

Palavras-chave: Literatura. Ensino de Literatura. Sociedade contemporânea.



“Scientific explanation makes sense of things by placing them under laws – whenever *a* and *b* obtains, *c* will occur – but life is generally not like that. It follows not a scientific logic of cause and effect but the logic of story, where to understand is to conceive of how one thing leads to another, how something might have come about: how Maggie ended up selling software in Singapore, how George’s father came to give him a car.”

Jonathan Culler, *Literary theory: a very short introduction*

« L’exercice jamais clos de la lecture demeure le lieu par excellence de l’apprentissage de soi et de l’autre, découverte non d’une personnalité ferme mais d’une identité obstinément en devenir. »

Antoine Compagnon, *La littérature, pour quoi faire ?*

“ornitorrinco *s.m.* (1873 cf. DV) MASTZOO design. comum aos mamíferos monotremados do gên. *Ornithorhynchus* [...], aquática e ovípara [...], com cerca de 50 cm de comprimento, patas dotadas de membranas, cauda semelhante à do castor, bico sensitivo, que lembra o dos patos, e membros posteriores dotados de esporões venenosos [As fêmeas colocam de um a três ovos, do tamanho aprox. do ovo de um pardal].”

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Veza ou outra, surgem e ressurgem na mídia, nas mais diversas esferas da sociedade, entre alunos e, inclusive, entre professores, questionamentos como: “Para que serve a literatura?”, “Literatura pra quê?”, “Qual a utilidade da literatura?”. De imediato, podemos perceber que, no centro de questões como essas, encontra-se um discurso utilitarista, próprio ao nosso tempo. Qualquer coisa que exista, gerada ou criada, deve ter obrigatoriamente um fim prático, antes mesmo que um sentido profundo. E por fim prático se entenda algo que nos leve a galgar posições na sociedade e/ou que nos ajude de algum modo a acumular capital financeiro, indispensável na luta pelos mais altos estratos sociais. Se não isso, que seja um saber que nos preserve a saúde (porque também a máquina-corpo se desgasta), ou que nos proteja nos embates e contendias dos vícios contra a lei, ou nos propicie bens eletrônicos que nos permitam avançar incólumes na linha do progresso.

Se parece exagero o que acabamos de afirmar, basta para comprovação a consulta simples do que significaria para as pessoas “vencer na vida” (frase corrente em nosso cotidiano e não raro associada a esse discurso utilitarista). “Vencer na vida”, segundo essa sociedade que a tudo quer, significa alguém ter tido a possibilidade de



acumular bens e/ou adquirir sucesso e fama. Somos uma sociedade que se envergonha dos perdedores, já que movida pelas altas posições. Como tende a ser uma disciplina que, salvo em casos excepcionais, é incapacitada de alavancar vencedores, a Literatura passa a ser encarada com um saber inútil; quando não, apenas um ócio de momento (descartável, portanto). Para

que cursar uma Faculdade que não dá dinheiro a ninguém, não é mesmo?

E já que nos propomos a apontar a importância da Literatura e de seu ensino, é preciso que estabeleçamos aqui a nossa definição sobre ela. Para tanto, faremos uso do conceito de dois teóricos, que, seguindo interesses epistêmicos diversos, encontram-se numa razoável similaridade de conceituação:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176)

373

A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra, bem velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de “novena”, nas festas tradicionais do ciclo do gado, no bailes do fim das safras de açúcar, nas salinas, festa dos “padroeiros”, potirum, ajudas, bebidas nos barracões amazônicos, espera de “Missa do Galo”; ao ar livre, solta, álcere, sacudida, ao alcance de todas as críticas de uma assistência que entende, letra e música, todas gradações e mudanças do folguedo. (CASCUDO, 2012, p. 26)

Unem-se aqui uma literatura oficial (já assentada no meio acadêmico) e outra na ordem da práxis cotidiana, dita literatura oral. A essas duas expressões denominamos simplesmente Literatura. Essa concepção nos permite uma visada epistemológica mais ampla: abre-nos horizontes e nos propicia o trânsito entre a oficialidade de uma elite acadêmica e a informalidade de uma gente sem pretensões intelectuais, não raro analfabeta. Mas esse trânsito não é apenas social: propicia-nos também visualizar a Literatura tanto como um produto de uma certa erudição, quanto como um saber que se resolve a partir de uma necessidade íntima ao ser humano, independentemente de sua localização histórico-social.



Octavio Paz (2003, p. 34) destaca a poesia (conceito diferente de sua realização como poema) como o estágio comunicativo mais essencial ao ser humano: “La esencia del lenguaje es simbólica porque consiste en representar un elemento de la realidad por otro, según ocurre con las metáforas. La ciencia verifica una creencia común a todos los poetas de todos los tiempos: el lenguaje es poesía en estado natural.”ⁱ Ou seja, a linguagem (constituente e constituída do ser humano) é, por essência, poesia (por extensão, também Literatura), já que a linguagem é mais do que o cerebralismo de uma relação de equivalência completa entre objeto e palavra: “entre las cosas y sus nombres se [abre] un abismo” (PAZ, p. 29)ⁱⁱ. Dito de outro modo, a Literatura é um fenômeno vivo no seio da humanidade. Ela nomeia o que vemos, mas também o que nos escapa aos olhos. Ela toca o concreto, mas também alcança o que se põe na ordem dos sonhos, da imaginação e do devaneio nossos de cada dia.

Além disso, não precisamos teorizar bastante para percebermos que o ser humano também necessita de um mínimo de ficção em suas vidas. A bem dizer, ele está inteiramente constituído de experiências literárias. Jonathan Culler (1997, p. 83) chega a afirmar que “there is a basic human drive to hear and tell stories.”ⁱⁱⁱ, mesmo porque a narrativa (gênero da contação de casos e causos, e, como tal, componente da Literatura) “is not just an academic subject” (CULLER, 1997, p. 83)^{iv}: “Stories, the argument goes, are the main way we make sense of things, whether in thinking of our lives as a progression leading somewhere or in telling ourselves what is happening in the world.” (CULLER, 1997, p. 82)^v. Luís da Câmara Cascudo (2012, p. 7) relata com certo saudosismo: “Todos sabiam contar estórias. Contavam à noite, devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma estória.” E a expressão da narrativa era (como é) tão marcante que bastava ao indivíduo e à comunidade o exercício de contar e ouvir: é próprio do corpo acompanhar o ritmo da ação narrada, sofrer e animar-se com ela, morrer e ressuscitar quando a história assim o pede. A Literatura torna-se *drama* (ação, em grego). O ser que conta uma história (estória, segundo alguns) se desamarra da racionalidade exigida cotidianamente para se refazer num outro, que não absolutamente ele mesmo (historicamente existente), que



não aquele que vive também das exigências de vender e comprar medos e anseios: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Walter Benjamin, atento como Câmara Cascudo à prática da contação de histórias, aponta, por sua vez, o apagamento social dessa mesma experiência. Visto que a sociedade se degenerava progressivamente no que se referia a uma vivência de saber partilhado e comunitário, um ato constitutivo do homem social se esvaziava aos poucos: “Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.” (BENJAMIN, 1994, p. 197). Tal fragmento faz parte de um texto publicado em 1936, ou seja, posterior à Primeira Guerra Mundial e às vésperas de uma segunda, ainda pior que a primeira. Nesse sentido, é compreensível a concepção benjaminiana de que algo no mundo não ia bem e de que, por isso, até as mais básicas experiências humanas atreladas à ficção, quando não dissolvidas, tornavam-se ao calor da época produto fragmentado, à semelhança da própria sociedade. Os tempos mudaram de lá para cá, mas algo permanece:

Começo observando que em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. [...] No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. (CANDIDO, 2011, p. 171)

E se voltarmos às definições de Antonio Candido e Câmara Cascudo apresentadas logo no início do nosso texto, notaremos que, ao menos uma (e reduzindo-se bastante) fez (ou faz) parte da realidade de alguma pessoa, onde quer que ela esteja. A Literatura, como quaisquer das expressões artísticas, é parte inerente do ser humano, ainda que se negue isso voluntária ou involuntariamente:

The delight we experience when we allow ourselves to respond to a fairy tale, the enchantment we feel, comes not from the psychological meaning of a tale (although this contributes to it) but from its literary qualities—the tale itself as a work of art. The fairy tale could not have its psychological

impact on the child were it not first and foremost a work of art. (BETTELHEIM, 1991, p. 12)^{vi}



Desconsideradas as especificidades, o que Bruno Bettelheim afirma sobre os contos de fadas vale também para a Literatura (mesmo porque os contos de fadas fazem parte dela). As parábolas, os provérbios e as fábulas são, ainda, exemplos bem nítidos dessa capacidade que a Literatura apresenta de nos ensinar sobre a vida. É certo que nem toda obra literária ganha sobre nós o mesmo nível de impacto. Algumas sequer chegam a nos cativar. Essa falta de unanimidade, contudo, não retira do saber literário o sabor da cativação, até porque esta ocorre (ou pode ocorrer). Se um texto não nos diz algo, isso não significa que ele não venha a dizer a outrem. A Literatura, ainda que não constituída cientificamente, guarda em si a possibilidade de, nos cativando, ensinar-nos sobre o mundo, sobre o outro ou sobre nós mesmos:

La littérature déconcerte, dérange, dérouté, dépayse plus que les discours philosophique, sociologique ou psychologique, parce qu'elle fait appel aux émotions et à l'empathie. Ainsi parcourt-elle des régions de l'expérience que les autres discours négligent, mais que la fiction reconnaît dans leur détail. (COMPAGNON, 2006, p. 29)^{vii}

376

Antonio Candido, em “A literatura e a formação do homem” e “O direito à literatura”, põe em evidência esse traço humano básico e universal que é sonhar enquanto dormimos. Segundo ele, a Literatura é própria ao homem e isso poderia ser comprovado até mesmo pela inerência do sonho à realidade psíquica humana. Mesmo dormindo, o nosso corpo ultrapassa o mero apagar-se, exige mais, carece de instâncias de acontecimento e ficção, que, dentro de outros parâmetros e circunstâncias, são a mola constituinte da Literatura:

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Nesse sentido, produzimos “Literatura” enquanto dormimos; uma Literatura em germe (claro): a dar-se ao mundo, se escrita; ou realizada à semelhança da ficção dos sonhos, se já transposta ao mundo. Se não escrevemos, buscamos no dia a dia suprimentos semelhantes a esse da ficção dos sonhos. Daí o motivo de o ser humano encantar-se tanto com ouvir a narração de um acontecimento ou de um



caso fantasioso. Mesmo quando devaneamos, repetimos um código básico da Literatura: parafraseando Aristóteles (2014, p. 28), a Poesia (leia-se a Literatura) relata o que poderia ter acontecido ou o que poderia acontecer. E isso tudo se encontra no mais íntimo de nós.

Não custa lembrar que quando os antigos almejavam constituir um retrato de si como povo, valiam-se das sagas e epopeias (modelos da Literatura). Ainda hoje, quando se deseja cantar a nação, usam-se hinos e marchas (modelos da Literatura). O homem das mais diversas crenças, quando relata o encontro com Deus, o faz também através de gêneros que são do campo da Literatura. No dia a dia, não são poucos os que criam ou coletam pequenos textos sob formato de poesia (também Literatura) para presentear e/ou homenagear alguém nas mais diversas situações sociais (formatura, casamento, aniversário, velório, etc.). Por mais que se negue e por mais que se queira negar, a Literatura está presente de modo ativo em nossa vida:

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO, 2002, p. 81)

Lemos, ouvimos e (em nível mais específico) estudamos Literatura, porque somos humanos. Sonhamos, trazemos dentro de nós alegrias e tristezas, esperanças e temores, a vida e a morte. A Literatura existe, porque nós ainda existimos, porque a racionalidade supostamente lúcida de nossos tempos não foi capaz ainda de nos eliminar da face da Terra, e não tanto por falta de recursos (porque já se criou o bastante), mas porque, felizmente, contamos com pessoas que julgam estúpido o ser que constrói algum instrumental, tendo por único fim a aniquilação do outro.

Saber instável e inquieto, a Literatura encontra, portanto, dificuldades em se inserir nesse mundo em que tudo tem um preço, em que se considera como imprescindível apenas o que gera lucro e sucesso. A Literatura precisa ser ensinada, porque incomoda. Porque nela se abre espaço também para os enfeitados, para os perdedores dessa nossa sociedade. É certo que a Literatura, pode até se revelar o contrário disso. E é preciso que destaquemos esse ponto, para que



não se pense que apresentamos a Literatura como antídoto perfeito aos problemas e males do ser humano. A Literatura não é remédio. Repetindo, ela projeta o ser dentro do mundo e como, no mundo, esse ser se revela, pensa, age e sonha. Como qualquer outra experiência humana, a Literatura também pode carregar em si a negatividade da alienação ideológica, dos preconceitos e do incentivo à destruição. E é, justamente aqui, que entra outra razão importantíssima para o ensino ainda da Literatura em nossas escolas (em nossas universidades). O seu ensino pode pontuar as vicissitudes, ponderar as ideologias e nos fazer adquirir do mundo o seu sentido. Afinal, “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.” (LAJOLO, 1993, p. 15).

Ensinar Literatura é assumir uma disciplina em seus êxitos e hesitações, porque geradora de um quadro da humanidade agindo e interagindo em sociedade; portanto, reveladora também das contradições que lhe são inerentes:

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral é cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 2002, p. 83)

É principalmente [num] *etecétera* que atua a literatura. Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula [...]. (LAJOLO, 1993, p. 26-27)

Aqui e ali, o nosso texto articula a prerrogativa de um discurso contra o utilitarismo. Mas não negamos: também nós apresentamos a Literatura em facetas que a apresentam como algo útil. Isso, obviamente, poderia nos ser apontado agora como sinal de contradição. O que acontece é que somos contra o utilitarismo, não contra a utilidade das coisas e dos talentos. Não negamos a importância da manufatura de produtos com tantas e quantas finalidades. O ser humano precisa de bens úteis – e isso é inegável. O que pomos em questão é certo discurso que



considera como útil apenas aquilo que participa de um juízo das aparências ou de um lucro bem pesado. Um discurso que, ao mesmo tempo, classifica como descartáveis os saberes que são espirituais e artísticos, porque fazem o ser humano sentir e pensar, porque o fazem se reconhecer e conhecer, porque o fazem acreditar no sonho de um mundo diferente do que agora se apresenta.

379

A sociedade não está errada em pôr a Literatura em questão (o debate é necessário). O problema se encontra nos interesses embutidos às questões apresentadas contra ela e no fato de outros saberes serem preservados desses questionamentos. Mas logo teríamos como resposta a isso que afirmamos: seria um absurdo retirar as ciências do ensino, porque elas passam para o aluno saberes indispensáveis em sua vida. Ora, nem todos os conhecimentos transmitidos em sala de aula serão de fato aplicados pelo aluno ao longo de sua vida; mesmo assim, isso não se torna motivo para que discutamos a utilidade ou não dessas disciplinas. Uma tréplica possível agora seria: mas a Literatura trabalha com um conteúdo instável e do campo da imaginação, ao contrário das ciências. Nesse ponto, voltamos ao início de nosso texto: esse mesmo conteúdo instável e imaginativo (digamos assim) é inerente ao homem e faz parte dele concretamente, e tão concretamente como a existência das Ilhas Canárias, dos anéis de Saturno e de Saturno próprio, bem como dos átomos e moléculas. Querendo ou não, as justificativas elencadas para o fim da Literatura caberiam de algum modo também para outras disciplinas ditas indispensáveis. E quais acabam sendo os critérios de triagem? Perspectivas, em geral, utilitaristas (ainda que se tente camuflar isso pelo discurso). A Literatura, a Filosofia, a Sociologia, as Artes, a Música, o Fenômeno Religioso, a Política são saberes que nos levam a pensar e a refletir, ou seja, saberes que, no fundo e por fim, escapam aos valores de renda desses nossos tempos.

Em meio a essas críticas contra a Literatura, bem mais legítimo seria refletir sobre como o seu ensino poderia potencializar certas capacidades intelectuais e artísticas do estudante das mais diversas faixas etárias e dos diversos graus de formação. Um exemplo óbvio e já batido: o ensino da Literatura não pode transformar-se num saber engessado e numa simples memorização de



autores e obras. Mariza Lajolo aponta, para o ensino da Literatura, quatro encaminhamentos que consideramos também essenciais: *a inscrição do texto na época de sua produção, a inscrição, no texto, do conjunto dos principais juízos críticos que sobre ele se foram acumulando, a inscrição do e no texto, no e do cotidiano do aluno* (LAJOLO, 1993, p.

16). Em poucas palavras, esse ensino não pode desvincular escrita e mundo. A Literatura não é apenas uma lista de grandes nomes, mas também o que esses nomes trouxeram ao mundo como prática artística e como discussão sobre os mais variados aspectos da vida humana.

Atento a esse cenário, alguém poderia nos questionar agora: como a Literatura está em crise se anualmente se lançam mais e mais livros e se certos concursos literários têm uma importância a cada ano mais crescente? Diríamos que a pergunta poderia ser colocada de outra maneira: como essa mesma sociedade que sustenta o fim do ensino da Literatura não se posiciona contra os concursos literários, contra os nobéis anuais de Literatura, etc.? Em certa medida, os concursos literários e premiações como o Nobel nos apresentam justamente os que “venceram na vida”. Nesse momento, sim, a Literatura passa a ser algo digno de menção. E desde que dessa forma: para além desse âmbito, já seria absurdo ou perda de tempo e dinheiro.

É claro que não desejamos menosprezar aqui os tantos e quantos escritores de talento que têm se destacado anualmente graças a premiações literárias. Tanto pior seria para a Literatura se não houvesse eventos como esses. Porém, como tratamos de ensino, é preciso que coloquemos em causa também esse aspecto. As premiações anuais apresentam tão somente uma pequena parcela do que constitui a Literatura. Uma parcela importante, porque incorpora novos materiais ao que já está consolidado ou ao que está em vias de se consolidar nesse domínio. Mas a Literatura é campo aberto, não esqueçamos: cabe nela muito mais do que somente a oficialidade. Além do mais, a Literatura é contraditória, e seu ensino deve destacar essas contradições. Se as premiações renovam, também correm o risco de instaurar o fetiche de certas obras e artistas (o clube dos vencedores). Nesses termos, um trabalho pedagógico com a Literatura deve



também envolver como discussão a sua posição dialética em meio a esse quadro.

Um dos ganhos da eclosão da literatura fantástica ainda no século XX foi o de os adolescentes e jovens se sentirem estimulados a ler e, inclusive, a escrever e publicar seus escritos.

Esse foi (e é) um período em que essa mesma juventude começa a encarar a Literatura não apenas como uma seleção de grandes nomes, mas como uma experiência que pode ser alcançada, independentemente das circunstâncias e dos méritos. Em meio a isso, a escola e a universidade têm a chance de estimular esses jovens a continuar lendo e escrevendo, e a de lhes apresentar, ainda e como discussão mais profunda, as vicissitudes a que estão submetidos como leitores e/ou escritores. Se a cultura de massa tem a vantagem de democratizar certos bens culturais, não é menos verdadeiro que ela consegue com igual desenvoltura articular uma homogeneização dos saberes, o que, visto com olhar crítico, é fundamentalmente negativo. Até porque, em certo momento, a indústria cultural percebeu que essa juventude que se erguia das sombras (através de diários, escritos em *blogs* e *sites* coletivos ou pessoais) poderia lhe ser muito útil economicamente. Perdemos, assim, a oportunidade do contato com uma literatura da variedade, para apenas ter diante de nós o que o mercado considera digno e válido de ser vendido. A escola e a universidade cumprem, aqui, um papel de articuladores dialéticos, já que podem mostrar a esses mesmos jovens os ganhos e cuidados de se participar de um mercado dessa natureza, visto que uma coisa é a experiência da Literatura como prática pessoal, outra o resultado desse esforço relegado a um produto de prateleira.

Depois de tudo quanto afirmamos, alguém nos poderia apresentar ainda como ressalvas: Se qualquer indivíduo articula, mesmo sem a presença da escola, certas modalidades literárias, qual a necessidade de se repetirem esses mesmos saberes em sala de aula? Se a Literatura abarca tantas experiências humanas básicas, por que ainda insistimos em ensinar matérias mais complexas que essas? Em outras palavras, por que teimamos ainda em ensinar sobre o Barroco, Arcadismo e companhia? Ou por que insistimos em debater com tanto gosto se Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Ora, estudamos tudo isso, da mesma forma que um matemático não se contenta em



reduzir sua disciplina ao uso da tabuada, ainda que o dono da venda não saiba o que sejam números complexos e que o logaritmo de 10 é sempre igual a 1. Estudamos tudo isso, da mesma forma que um biólogo não se contenta em ensinar apenas que o papagaio da vizinha é um vertebrado e pertence ao reino animal, ainda que essa mesma vizinha desconheça a taxonomia moderna. Em resumo, o fato de a sociedade deter alguns dos conhecimentos da escola ou da universidade não torna esses mesmos conhecimentos, forçadamente, desnecessários, até porque, se a escola e a universidade se resumissem em ensinar apenas o que os alunos já soubessem, elas não fariam mais sentido na sociedade. Para que se ensinar apenas o que já se sabe? A escola e a universidade são espaços para aprimorar no aluno o que ele aprendeu com a vida e para desenvolver nele competências novas e mais complexas. Afinal, “ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente.” (FREIRE, 1996, p. 28).

O mesmo se dá, portanto, com a Literatura. Também na escola aperfeiçoamos nosso impulso natural por ficção e poesia. Na escola (em nível mais específico, na universidade), tomamos contato com conteúdos, obras e autores segundo uma dimensão mais aprofundada do que a dos saberes cotidianos e mais aprofundada do que aquilo que as premiações dos concursos literários asseguram. Mesmo que, no dia a dia, não saibamos quando e como aplicar funções e matrizes, nós as estudamos na escola, quando jovens. Mesmo que nunca cheguemos a encontrar um ornitorrinco na vida, também vamos à escola para tomar conhecimento de que ele existe e de que, ainda que mergulhe debaixo d’água, tenha bico e ponha ovos, é mamífero como todos nós.

É por considerarmos tudo quanto foi exposto que defendemos e continuaremos defendendo o que ora afirmamos. Para nós, a Literatura tem importância na formação do ser humano: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.”

(BARTHES, 1980, p. 18). Nossa defesa não tem a ousadia dessas palavras de Roland Barthes, mas carrega delas a



certeza. Uma sociedade que retira ou cogita retirar do campo de suas diretrizes formativas a Literatura e outras disciplinas pautadas na reflexão, é uma sociedade já preocupantemente corrompida. Sendo expurgadas essas disciplinas, o que, em nível escolar, fomentará no aluno o campo do debate, do respeito e da valorização da alteridade? O que, em nível escolar, será responsável por apontar todos quantos são explorados cotidianamente? Por apontar todos aqueles cujos filhos são vendidos para que seus órgãos sirvam de transplante aos ricos? Aqueles cujos corpos servem apenas como matéria de desejo e de tráfico? O que, em nível escolar, discutirá nossa legislação não raro adaptada a interesses escusos? O que, em nível escolar, tratará da angústia do indivíduo da contemporaneidade, mal localizando-se no mundo e na vida? É certo que a Literatura não tem a obrigatoriedade de tratar assuntos como esses para se tornar o que é. O que acontece é que ela (bem como as disciplinas artísticas e do espírito) carrega em si uma bagagem epistemológica que as disciplinas favoritas dessa nossa sociedade não apresentam obrigatoriamente. E se ela não tem a obrigação de lidar com o que expusemos não é menos verdade que, por serem experiências do homem no mundo, nunca se negará ao seu registro:

A arte interpreta o mundo e dá forma ao informe, de modo que, ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e dos seres que nos cercam. Turner não inventou o *fog* londrino, mas foi o primeiro a tê-lo percebido em si e a tê-lo mostrado em seus quadros – de algum modo, ele nos abriu os olhos. (TODOROV, 2009, p. 65)

Uma sociedade, portanto, que se presta apenas ao utilitarismo, mostra não só o que aceita ser mas também o que já é em certa medida, ou seja, um reduto de indivíduos que disputam posições, que nega do ser humano suas manifestações mais íntimas e sublimes, que ignora sem receio os dramas da humanidade, que teima excluir qualquer ocasião de trabalho criativo, que reserva aos indivíduos apenas a oportunidade de gerar lucro e de sustentar *status* social. Nesse conjunto, a Literatura parece se tornar, cada vez mais, o ornitorrinco desse nosso tempo mais-que-moderno. Ornitorrinco, porque ela possui uma natureza constitutiva esdrúxula e não raro contraditória, porque tem nadado em mares de água salgada e porque, dos ovos que apresenta ao mundo, tem

valorizados por alguns apenas aqueles dignos de prêmios e galardões.



REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Arte Poética. In: _____. ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. Introd. Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 2014.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. *The uses of enchantment: the meaning and importance of fairy tales*. London: Penguin Books, 1991.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. Sel. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2012.

COMPAGNON, Antoine. *La littérature, pour quoi faire ?* Leçon inaugurale au Collège de France. Paris : OpenEdition Books, 2006.

CULLER, Jonathan. *Literary Theory: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. 3 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 9, 2006, p. 17-29.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

384



DUCKBILL PLATYPUS IS A MAMMAL LIKE US: For what reason to teach Literature?

Abstract: This essay aims to discuss on the importance and the need of the teaching and the studying about Literature in the school. The essay was written for demonstrating the fragility of some negative opinions against Literature, most of them based on an utterly utilitarian vision about knowledge. These works theoretically reinforce discussion proposed in the essay: Candido (2011) e (2002), Cascudo (2012), Compagnon (2006), Lajolo (1993), and others.

Keywords: Literature; Literature teaching; Contemporary society.

385

ⁱ “A essência da linguagem é simbólica, porque consiste em representar um elemento da realidade por outro, do mesmo modo como ocorre com as metáforas. A ciência verifica uma crença comum a todos os poetas de todos os tempos: a linguagem é poesia em estado natural.”

ⁱⁱ “[...] entre as coisas e o nome delas se [abre] um abismo”.

ⁱⁱⁱ “Há um impulso humano básico em ouvir e contar estórias.”

^{iv} “[...] não é apenas uma matéria acadêmica.”

^v “As estórias, segue o argumento, são o principal meio pelo qual damos sentido às coisas, seja ao pensarmos nossas vidas como uma progressão conduzindo a algum lugar, seja ao contarmos para nós mesmos o que está acontecendo no mundo.”

^{vi} “O prazer que experimentamos quando nos permitimos responder a um conto de fadas, o encantamento que sentimos, não vem do significado psicológico de um conto (embora isso contribua), mas de suas qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não teria impacto psicológico na criança se não fosse, mais do que qualquer outra coisa, uma obra de arte.”

^{vii} “A literatura desconcerta, incomoda, desloca, desorienta mais que os discursos filosóficos, sociológicos ou psicológicos, porque ela apela às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção as reconhece com detalhe.”